



## ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

### ECPC

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsional, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.

Unidade Agroalimentar e Licenciamento

DADR – Divisão Agroalimentar e  
Desenvolvimento Rural

Quinta das Oliveiras, E.N.3 – 2000-471 Santarém

Telefone: 243 377 500

Info@draplvt.gov.pt

www.draplvt.gov.pt



### JULHO 2024



#### Estado do tempo e sua influência na agricultura em geral

No **Oeste** o mês caracterizou-se por uma significativa variabilidade térmica, principalmente nas temperaturas máximas, por vezes com algumas mudanças bruscas de um dia para o outro. Foi mais quente no início e no final e mais ameno no período intermédio. De acordo com os registos recolhidos nas três estações do IPMA presentes na Região Oeste (Torres Vedras/Dois Portos, Alcobaça e Santa Cruz/Aeródromo), as temperaturas máximas foram mais elevadas nos primeiros cinco dias, com registos em geral acima de 25°C e pontualmente nos 30°C, com exceção de Santa Cruz, e nos últimos nove dias do mês, período com registos predominantemente acima dos 30°C, a atingirem pontualmente os 37°C, com exceção de Santa Cruz. Entre os dias 6 e 21 foram registados valores inferiores, situados entre os 20°C e 28°C e só pontualmente acima dos 30°C. Ao longo do mês os registos nas 3 estações seguiram uma tendência semelhante, com valores superiores na estação de Torres Vedras/Dois Portos, embora bastante próximos aos da estação de Alcobaça e significativamente inferiores na estação de Santa Cruz (Aeródromo).

As temperaturas máximas variaram entre os 37,2°C, registados no dia 22 na estação de Torres Vedras/Dois Portos e os 19,9°C, registados no dia 7 na estação de Santa Cruz (Aeródromo). A temperatura máxima média foi de 28,8°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos, de 27,1°C na estação de Alcobaça e de 22,4°C na estação de Santa Cruz (Aeródromo), podendo-se considerar que as temperaturas máximas se apresentaram ligeiramente baixas para a época durante a segunda e a terceira semana do mês e ligeiramente altas no final do mês, face aos valores médios dos últimos anos.

As temperaturas mínimas também variaram ao longo do mês, com uma tendência de subida. Oscilaram entre os 11°C no dia 8 e os 20°C no dia



31, ambos os valores registados na estação de Alcobça. A temperatura mínima média foi de 16,7°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos, de 15,8°C na estação de Alcobça e de 16,4°C na estação de Santa Cruz (Aeródromo), podendo-se considerar as temperaturas mínimas com valores normais para a época.

Em termos de precipitação o mês foi pouco chuvoso, com alguns episódios de chuva fraca ou chuviscos. Na estação de Torres Vedras/Dois Portos não houve registo de precipitação. Na estação de Alcobça foram registados nove dias com precipitação, com um valor acumulado de 4,7mm e na estação de Santa Cruz (Aeródromo), foram registados onze dias com precipitação, com um valor acumulado de 3,5mm. A precipitação máxima foi registada no dia 15 com 2,1mm na estação de Alcobça. No dia 29 verificou-se a ocorrência de trovoadas, pontualmente com episódios muito localizados de precipitação, por vezes forte e acompanhada de granizo.

No final do mês verificou-se uma redução dos níveis de água no solo face aos níveis registados no mês anterior, devido às condições climáticas de pouca precipitação e de boas temperaturas atmosféricas. Em 31 de julho era possível observar na região vários índices de água no solo. Cerca de 50% do território situava-se no índice de capacidade de solo CC [41-60], cerca de 40% no índice CC [21-40] e cerca de 10% no índice CC [11-20].

A humidade relativa do ar foi bastante elevada ao longo do mês, com valores máximos predominantemente superiores a 90% nas três estações. O valor mínimo de humidade relativa do ar foi de 20%, registado na estação de Torres Vedras/Dois Portos no dia 22. De acordo com os registos das estações, o valor médio da humidade relativa do ar foi de 77% para Torres Vedras/Dois Portos, 76% para Alcobça e 89% para Santa Cruz (Aeródromo).

O mês caracterizou-se predominantemente por dias de nebulosidade, por vezes mais acentuada, intercalados por alguns dias de céu pouco nublado ou limpo e pela ocorrência persistente de neblinas ou nevoeiros matinais.

Em relação à intensidade do vento, o mês apresentou-se mais ventoso do que o anterior. Foram registados oito dias na estação de Torres Vedras/Dois Portos com rajadas superiores a 40km/hora, um dia na estação de Alcobça e cinco dias na estação de Santa Cruz (Aeródromo). As rajadas máximas, de 56,5km/h foram registadas no dia 6 na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

No final do mês pode-se considerar razoável o estado das linhas de água superficiais e o armazenamento de águas superficiais e nos aquíferos, com disponibilidade de água para rega e para o abeberamento de animais.

Quanto à influência do tempo sobre as principais culturas, na vinha as condições de temperatura e humidade ao longo do mês foram favoráveis ao desenvolvimento vegetativo. Contudo, causaram uma forte pressão na incidência de doenças provocadas por fungos, exigindo a continuação dos tratamentos fitossanitários. Nas pomóideas os valores elevados de temperatura e o invulgar fenómeno de períodos de humectação muito longos devido às neblinas e alguma chuva fraca, foram favoráveis ao desenvolvimento de doenças nos pomares, com incidência para o fogo bacteriano e a estenfiliose. No Alto Oeste houve registo de alguma queda de granizo no dia 29, mas sem relato de prejuízos significativos. A chuva no final do mês, embora ligeira, favoreceu os calibres dos frutos.



Na batata de regadio, também as temperaturas altas e os níveis elevados de humidade relativa do ar favoreceram a ocorrência de ataques de míldio. A chuva ocorrida, embora fraca, foi favorável ao desenvolvimento dos calibres nas culturas em fase de tuberização.

As condições de humidade excessiva provocaram um atraso nas colheitas do trigo e da cevada devido aos elevados teores de humidade prevalentes nas espigas, com perda de qualidade do cereal e da produtividade esperada inicialmente.

Nas hortícolas de ar livre o excesso de humidade provocou uma maior dificuldade no controlo de doenças nas brássicas. Nas hortícolas de estufa, as condições atmosféricas não influenciaram negativamente as culturas, que decorreram dentro da normalidade.

No **Médio Tejo** as condições climáticas podem caracterizar-se por grandes variações nas amplitudes térmicas ao longo do mês, temperaturas e humidades relativas altas.

Registaram-se no mês temperaturas máximas elevadas, verificando-se na terceira semana, entre os dias 22 e 24, valores muito acima do normal para a época. No dia 23 registaram-se os valores mais elevados de temperatura máxima, de 42,9°C e 45,5°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega/Abrantes. As temperaturas máximas mais baixas, de 26°C e 28,6°C, foram registadas no dia 6 nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega/Abrantes. As temperaturas mínimas registaram valores mais constantes, registando-se o valor mais elevado no dia 29, respetivamente de 21,9°C (Tomar/Vale Donas) e 21,6°C (Alvega/Abrantes) e os valores mais baixos de 12,4°C e 10°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e Alvega/Abrantes, registados nos dias 7 e 8.

O mês decorreu pouco chuvoso, registando-se em ambas as estações meteorológicas, dois dias com precipitação (dias 15 e 29). Registaram-se, respetivamente, nas mesmas estações meteorológicas valores de 6,6mm e 12mm de precipitação acumulada. Neste período verificou-se pontualmente a ocorrência de queda de granizo na região, com alguma intensidade.

No final do mês o teor de água no solo situou-se maioritariamente no intervalo CC [21-40] em ambas as estações meteorológicas. Na estação meteorológica de Alvega/Abrantes registaram-se pontualmente valores no intervalo CC [11-20].

A humidade relativa registada na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas oscilou entre 42% e 79%, sendo a média do mês de 66% e na estação meteorológica de Alvega/Abrantes oscilou entre 41% e 72%, sendo a média do mês de 62%.

Durante o mês, os dias decorreram essencialmente com pouca nebulosidade ou com céu limpo.

O vento soprou em geral fraco ou moderado na região (30 a 45 km/h), sendo registada excepcionalmente no dia 6, uma rajada máxima de 48,2 Km/h na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas.

Durante este mês não se verificaram situações de escassez na disponibilidade de água quer para rega quer para o abeberamento de animais.

Quanto à influência do tempo sobre as culturas, nos olivais, tradicionais e intensivos, as condições climáticas não surtiram um impacto negativo no desenvolvimento da cultura, contudo foram



propícias ao desenvolvimento de algumas doenças e de infestantes. Na vinha verificou-se que a cultura sofreu um impacto negativo pela instabilidade das amplitudes térmicas diárias registadas na região (valor médio de 20,4°C) com repercussões na dificuldade de adaptação da cultura. As chuvas ocorridas após as temperaturas altas causaram podridão em alguns frutos e a queda de granizo provocou rachamentos dos bagos. Nas nogueiras o estado do tempo ao longo do mês não surtiu um grande impacto na cultura, verificando-se apenas em consequência da queda pontual de granizo, alguns frutos picados. No limão as temperaturas altas danificaram muitos frutos e também folhas por efeito do escaldão. No milho (grão) o estado do tempo não surtiu impacto no desenvolvimento da cultura. Na cultura de grão de bico (plantações mais tardias) não se registou no final do mês um impacto negativo no seu desenvolvimento.

Na **Lezíria do Tejo** a temperatura média diária no mês foi de 22,8°C, variando entre 18,3°C no dia 7 e 28,8°C no dia 23. A temperatura máxima mais baixa registada foi 23,8°C no dia 6. Os valores mais elevados de temperatura máxima, de 43,6°C, foram registados nos dias 22 e 23. A média das temperaturas máximas foi de 32,2°C.

A média da temperatura mínima situou-se em 16,5°C, apresentando o valor mais baixo de 12,4°C no dia 7 e o mais elevado, de 21,5°C, no dia 29.

A precipitação acumulada foi de 1,3mm.

A humidade relativa oscilou entre 43% e 78%, com uma média de 67,2%.

Nos pomares de citrinos, devido às elevadas temperaturas, surgiram problemas de clorose nas folhas, em algumas árvores instaladas em terrenos mais arenosos.

No **Baixo Sorraia** a temperatura média diária no mês foi de 23,4°C, variando entre 18,9°C e 27,3°C nos dias 7 e 23, respetivamente. A temperatura máxima mais baixa registada foi 26,4°C no dia 6, sendo o dia 22 o mais quente do mês com 40,5°C. A média das temperaturas máximas foi de 33°C.

Relativamente à temperatura mínima, registou-se o valor médio 15,5°C. O dia 7 apresentou a temperatura mínima mais baixa de 11,1°C. A temperatura mínima mais elevada registada, foi de 20,7°C no dia 29.

A precipitação acumulada foi de 3,0mm.

A humidade relativa oscilou entre 59% e 82%, com uma média de 71,3%.

Na **Grande Lisboa** as temperaturas máximas assinalaram grandes oscilações durante o mês, tendo sido registados os valores mais altos nos dias 4, 23 e 29 com 35,5°C, 39,3°C e 34,8°C respetivamente, sendo o valor normal para a época de 27,5°C. No que respeita à temperatura mínima (com valor normal para a época de 17,9°C), houve registo da temperatura mais elevada no dia 29 com 22,8°C e a temperatura mínima mais baixa de 14,5°C no dia 7.

Neste mês foram registados 2,2mm de precipitação acumulada na estação meteorológica de Lisboa, o que se revela baixo para a época quando comparado com o valor normal de 6,1mm. No dia 9 houve ocorrência de precipitação na ordem dos 0,4mm, no dia 15 registaram-se 0,2mm e no dia 27, que foi o mais severo, foi de 1,6mm.



No decorrer do mês registou-se uma diminuição gradual dos valores do teor de água no solo, com os níveis de saturação a chegarem no final do mês ao índice CC [21-40] nos concelhos de Lisboa e Vila Franca de Xira e ao índice CC [41-60] no concelho de Mafra.

A humidade relativa oscilou entre 32% e 85%, sendo a média no mês de 62,3%.

Os dias foram maioritariamente caracterizados por nebulosidade matinal, com dias muito enublados.

No que respeita ao vento, este esteve geralmente moderado, soprando por vezes forte.

Não se registaram faltas de água para a rega nem para o abeberamento dos animais.

Quanto à influência do estado do tempo sobre as culturas, contribuiu para a incidência de míldio na vinha e no tomate, bem como para a proliferação de infestantes no arroz. O tempo quente associado à humidade relativa elevada que se fez sentir, foi favorável ao desenvolvimento de doenças e pragas nas pomóideas em geral. Os dias enublados prejudicaram o normal crescimento do milho. O calor e o vento levaram a uma maior evapotranspiração dos solos, sendo necessário redobrar a atenção na rega das culturas, em particular do milho. As condições climatéricas verificadas contribuíram para a diminuição da eficácia de grande parte dos herbicidas aplicados que dependem do número de horas de luz solar direta.

Na **Península de Setúbal** e à semelhança do ocorrido no mês anterior, as temperaturas máximas registaram grandes oscilações ao longo do mês, com amplitude térmica de 9°C e 11,5°C em apenas dois dias, situações ocorridas em dois períodos do mês (respetivamente dias 20 a 22 e dias 4 a 6), tendo sido registado o valor máximo de 37,9°C no dia 22 e o valor mínimo de 24,9°C no dia 9. Temperaturas máximas normais para a época (29,3°C) praticamente apenas foram registadas no período entre os dias 10 a 17.

Relativamente às temperaturas mínimas, os valores também registaram oscilações ao longo do mês, mas não foram tão notórias como o registado nas temperaturas máximas, sendo o valor da temperatura normal para a época de 15,8°C. Foi registado o valor mais elevado da temperatura mínima de 20,4°C no dia 29 e o valor mais baixo de 11,6°C no dia 14.

O mês decorreu muito seco na região, registando-se a ocorrência de precipitação na estação de Setúbal nos dias 10, 15 e 29 com apenas 0,8mm de precipitação total no mês, sendo que o valor normal para a época foi de 5,2mm.

Os valores do teor de água no solo foram diminuindo ao longo do mês, sendo que no final se registavam valores bastante inferiores aos verificados em junho, com os níveis de saturação de água no solo a chegarem ao índice CC [1-10] nalgumas regiões dos concelhos de Setúbal e Palmela. Nas restantes regiões, os níveis de saturação de água no solo situavam-se no índice CC [11-20] e no índice CC [21-40], neste último caso em zonas do litoral.

Na estação meteorológica de Setúbal a humidade relativa oscilou entre 51% e 83%, sendo a média no mês de 66,7%.

Os dias foram alternando com períodos de céu pouco nublado ou limpo com dias de céu muito nublado. Registaram-se dias com neblinas matinais em meados e no final do mês.



O vento soprou em geral fraco a moderado, com maior intensidade nos dias 6, 7 e 26. Foram registados valores de intensidade máxima na ordem de 47,9Km/h na região de Setúbal.

Durante o mês não se verificaram situações de escassez nas disponibilidades de água para rega e no abeberamento de animais.

Conforme referido em relatórios anteriores, as condições climatéricas verificadas ao longo desta campanha, nomeadamente os elevados valores de precipitação que ocorreram em fevereiro e março, tiveram consequências nas sementeiras e plantações, bem como no desenvolvimento vegetativo das culturas da vinha, milho, arroz, tomate indústria e batata. No seguimento das trovoadas ocorridas no dia 29, verificaram-se ataques de míldio em alguns campos ocupados com a cultura de tomate para a indústria.



## **Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal**

### **Oeste**

Nas vinhas (para vinho) a forte pressão de doenças criptogâmicas sobre a cultura, que se verificou nos últimos meses, com destaque para o míldio, manteve-se ao longo do mês, com uma incidência muito elevada da doença, obrigando à realização de tratamentos. O esforço adicional da proteção fitossanitária permitiu travar a doença, mas não por completo. Na maior parte dos dias a humidade relativa foi bastante elevada durante a manhã e à noite e as temperaturas durante o dia foram ótimas para o desenvolvimento dos fungos designadamente do míldio nas novas rebentações, com incidência principalmente ao nível das folhas. As condições de humidade e temperatura favoreceram ainda o oídio, com incidência principalmente nos cachos e o black rot ou bago negro, tendo estas doenças apresentado um desenvolvimento significativo ao longo do mês, interferindo diretamente na produção esperada, por provocarem quebras de produção. As novas infeções de míldio são generalizadas a todas as castas. Já o oídio tem surgido especialmente nas castas tintas e o black rot apresenta uma incidência principalmente nas castas brancas. De destacar ainda que esta campanha aparenta ser complicada para a podridão cinzenta, com a presença precoce da doença em algumas castas. É fundamental manter a proteção da cultura de forma a minimizar os estragos causados.

Nas vinhas (uva de mesa) verificaram-se infeções recorrentes de míldio que afetaram não só a folha, mas também o bago, com uma forte incidência de rot brun. Os tratamentos efetuados permitiram limitar a evolução das doenças. Quanto a pragas, os tratamentos permitiram que os cicadélideos não evoluíssem. Começou a registar-se a presença de mosca da fruta (*Ceratitis capitata*).

Nas pomóideas as condições climatéricas foram propícias ao desenvolvimento de doenças nos pomares, com destaque para o fogo bacteriano e estenfiliose. As infeções de fogo bacteriano aumentaram ao longo do mês, apresentando níveis de incidência média/alta. A doença apresentou um comportamento variável, tendo sido detetados sintomas causados por cancro velhos, levando



à secagem dos ramos e identificação pontual de lançamentos do ano em que a lesão não progrediu. Alguns pomares que já tiveram várias limpezas sanitárias, necessitam ainda de uma nova limpeza severa, que irá levar a uma brutal redução do potencial produtivo. As infeções de estenfiliose aumentaram relativamente a junho, apresentando níveis de incidência média/alta, embora ligeiramente inferiores ao ano anterior, com os pomares a permanecerem com valores considerados aceitáveis, apesar da pressão climatérica. A maioria dos pomares mantinha uma incidência de 1% a 3%, mas já se registavam situações de 3% a 10% e outras, pontuais, superiores a 30% devido essencialmente à má nutrição das plantas e a problemas de controlo de infestantes. Verificaram-se alguns casos de surgimento de manchas típicas de estenfiliose, com podridões na fossa apical do fruto, havendo dúvida quanto ao fungo causador. O pedrado, embora com níveis de incidência baixa, tem sido de difícil controlo devido aos períodos de chuva. Em termos de pragas, verificou-se a presença de psila nas pereiras e pulgão lanífero nas macieiras, mas encontravam-se controlados no final do mês. A presença de mosca da fruta registava situações diversas, com a identificação de locais onde a deteção é pouco significativa e locais com populações muito altas em que o inseto aparenta ser bastante agressivo. O bichado encontrava-se controlado, apresentando populações baixas na maioria dos pomares.

Nas prunóideas, em termos fitossanitários, destaca-se a dificuldade no controlo de afídeos, dada a baixa eficácia dos inseticidas disponíveis.

Na batata de regadio continuou a verificar-se a ocorrência de ataques de míldio.

Nas hortícolas de ar livre verificou-se nas brássicas a ocorrência de doenças tais como o míldio, a micosfarela, a estenfiliose, a alternariose e a esclerotinia, provocadas pelo excesso de humidade, com maior dificuldade no controlo das mesmas.

Nas hortícolas em estufa foram identificados alguns problemas fitossanitários de focos de tripes na cultura do tomate, com ataques de baixa intensidade tendo sido eficazes os tratamentos efetuados. Não foram identificados prejuízos além do normal.

### **Médio Tejo**

Nas vinhas (para vinho) registou-se a prevalência do oídio e do míldio.

Nos pomares de citrinos, em especial no limão, registaram-se ataques com intensidade média de lagarta mineira nas folhas e de traças nas flores.

Nos olivais verificou-se o desenvolvimento de doenças, em especial de olho-de-pavão. Em meados do mês foram observadas picadas da mosca da azeitona, aumentando de intensidade até ao final do mês, em especial nos olivais intensivos.

### **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**

Na vinha (uva de mesa) durante o mês verificaram-se infeções recorrentes de míldio que afetaram não só a folha como o bago. Os tratamentos efetuados limitaram a evolução da doença. Os cicadélídeos não evoluíram devido à aplicação de fitofármacos. Verificou-se também a presença da mosca da fruta (*Ceratitis capitata*).



Nos pomares de citrinos, durante o mês houve necessidade de realização de tratamento contra a cochonilha. Devido às elevadas temperaturas, surgiram problemas de clorose nas folhas, em árvores instaladas em terrenos mais arenosos.

No olival verificou-se um acréscimo da população da mosca da azeitona nas últimas semanas, para a qual foram realizados tratamentos fitossanitários.

No tomate, com a precipitação ocorrida, foi necessário aumentar os tratamentos fitossanitários, devido ao surgimento constante de doenças, nomeadamente míldio. A nível de pragas, surgiu alguma incidência de *Tuta absoluta* e mosca branca, mas em populações controláveis, sendo expectável um aumento da pressão dos ataques depois de iniciadas as primeiras colheitas.

Na batata de regadio surgiu o escaravelho, para o qual foram feitos tratamentos.

### Grande Lisboa

As vinhas foram atacadas por míldio e oídeo devido às condições climáticas que se têm vindo a registar ao longo do ano agrícola. Surgiram também alguns ataques de cicadelídeos e da mosca da fruta (*Ceratitis capitata*). Para tais incidências foram efetuados os devidos tratamentos que se revelaram limitantes das doenças e pragas assinaladas na vinha.

Nas pomóideas evidenciou-se evolução de mosca da fruta, bem como ataque de fogo bacteriano e de estenfiliose, que provocaram danos irreversíveis nos frutos. Registou-se psila nas pereiras e pulgão lanífero nas macieiras, que levaram a estragos na produção.

As condições climáticas contribuíram para um forte ataque de traça e de cochonilhas no limoeiro.

No milho de regadio registaram-se situações pontuais de lagarta, mas ainda sem grandes repercussões negativas. Também se assinalaram ataques de cicadelídeos, veiculadores do vírus inibidor do crescimento da planta, com resultados irreversíveis.

Na cultura do arroz foi referida grande preocupação com as infestações de milhãs (*Echinochloa*), cuja eficácia dos herbicidas aplicados foi prejudicada pelos dias muito encobertos. Também se verificou incidência de lagarta nesta cultura que, por falta de produtos certificados, é difícil de combater. O elevado teor de humidade devido à precipitação ocorrida desde as sementeiras, promoveu o aparecimento de fungos no arroz, nomeadamente a piriculária (*Pyricularia grisea*), para os quais têm sido aplicados os devidos tratamentos que contribuíram para o controlo da situação.

No tomate para indústria a situação fitossanitária foi considerada controlada, apesar do míldio referido em relatórios anteriores, do surgimento de alguns ácaros e da incidência de *Tuta absoluta*.

A presença de javalis nas searas é já considerada uma praga preocupante, cuja destruição das plantas por espezinhamento foi consideravelmente prejudicial à produtividade.





### Península de Setúbal

As condições climáticas verificadas ao longo da campanha foram propícias ao desenvolvimento de doenças, nomeadamente míldio na vinha e na cultura da batata, com consequências no decréscimo da produção obtida.

Também na vinha há a salientar a incidência de black rot ou podridão negra e de oídio.

No milho de regadio, referência para a lagarta e para a transmissão de vírus através de cicadélídeos.

Na cultura do arroz foi referida a existência de danos provocados por lagarta e afídeos.

Na vinha os ataques de cigarrinha verde poderão não ser tão graves como na campanha anterior.

Nos citrinos, salienta-se a presença de pragas como cochonilha algodão, afídeos e lagarta mineira.

As invasões dos javalis nos campos da região têm-se agravado ao longo dos tempos, sendo considerados uma praga, nomeadamente nas culturas de milho, de arroz e de batata, provocando danos avultados.



### **Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior**

No Oeste com as temperaturas altas ocorridas na segunda metade do mês e a fraca pluviosidade, não permaneceu o reverdecimento das pastagens ocorrido no mês anterior, verificando-se uma menor disponibilidade de matéria verde para pasto no final do mês. Nos prados de forragens, onde se destaca o azevém e a aveia, no final do mês já tinham sido feitos os cortes para silagem e fenagem. Os prados apresentavam restolhos secos e por vezes ainda com os fenos do último corte por arrumar. Apenas em outubro ou novembro serão retomadas as atividades nos prados melhorados com azevém ou consociações, com o regresso das sementeiras. A produção de forragens para silagem este ano foi bastante melhor do que no ano anterior devido à disponibilidade de água no solo, com uma produtividade superior em cerca de 30 a 40%. Comparativamente ao ano anterior, o ano foi muito bom para forragens e pastagens, com maior capacidade de autoaprovisionamento de alimentação natural para os animais, podendo considerar-se normais as condições de alimentação natural dos pequenos ruminantes, dos bovinos leiteiros e de carne com o regresso à normalidade no contributo das forragens verdes, fenos e silagens na alimentação animal. Perspetiva-se o aumento de alimentos conservados e um maior equilíbrio na necessidade de suplementação com rações.

No Médio Tejo as pastagens de sequeiro encontravam-se em condições normais para a época no final do mês, com os ciclos vegetativos fechados (secas). Verificou-se neste período uma maior disponibilidade de matéria seca relativamente a igual período do ano anterior. As pastagens de regadio encontravam-se no final do mês em bom estado vegetativo, tendo havido a necessidade de regas diárias. Verificou-se a permanência de ótimas condições de disponibilização de



alimentação natural para as espécies pecuárias, mantendo-se a perspetiva relativamente à necessidade de suplementação com rações ocorrer somente a partir de setembro/outubro.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia as pastagens foram sendo pastoreadas. Como tem sido um ano muito bom, continuava a haver pasto em abundância no final do mês.

Na Grande Lisboa, tal como referido no mês anterior, deram-se por terminados os trabalhos de corte e enfardamento. Foi possível manter em pastoreio pleno os efetivos explorados em regime extensivo durante todo o mês.

Na Península de Setúbal continua a ser possível a alimentação animal através de prados e pastagens, com reduzido recurso a suplementação alimentar, situação muito mais favorável relativamente a igual período do ano anterior.



## **Cereais praganosos de outono inverno: produção quanto a aspetos de quantidade; rendimento e qualidade dos produtos**

No **Oeste** as chuvas de abril e junho atrasaram as colheitas dos cereais praganosos de outono inverno, mas no final do mês já se encontravam colhidos na generalidade. No trigo, devido às condições do ano com maior disponibilidade de água, a produtividade foi superior ao ano anterior em cerca de 15%. Com a elevada humidade relativa do ar, associada às neblinas mais persistentes do que o habitual e à chuva no final do mês anterior, a qualidade da produção foi inferior ao esperado. No trigo mole ocorreram germinações do cereal na espiga e no trigo duro houve perdas de vitreosidade, fazendo alterar o destino e diminuir a valorização dessas produções, com encaminhamento para a indústria de rações em alternativa ao inicialmente previsto, respetivamente a indústria de panificação e a indústria de massas alimentícias. Devido aos problemas de qualidade no trigo, é previsível que este ano venha a verificar-se alguma dificuldade de abastecimento da indústria de panificação no mercado nacional e maior recurso a importação. Para a cevada estima-se uma produtividade superior à do ano anterior em cerca de 20% e uma qualidade igualmente superior. A maior parte das produções destinam-se à indústria cervejeira. A aveia na região destina-se maioritariamente para forragem, sendo pouco utilizada para grão. Com as chuvas de abril ocorreram focos de ferrugem com consequências negativas na qualidade e na produtividade, estimando-se uma qualidade mediana e uma produtividade idêntica à do ano anterior.

No **Médio Tejo** os cereais de outono-inverno encontravam-se praticamente com as colheitas concluídas no final do mês. Na generalidade são estimados aumentos de produtividade nos cereais praganosos de outono-inverno relativamente ao ano anterior, tendo em conta as condições meteorológicas favoráveis ocorridas ao longo dos seus ciclos vegetativos. No entanto, no que respeita à cultura de aveia, contrariamente ao previsto até aqui, estima-se agora uma



produtividade mais baixa relativamente a igual período do ano anterior, registando-se uma descida da variação da produção global colhida (10%).

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia** a produção de cereais praganosos subiu, devido ao aumento de rendimento e de áreas registadas. A produtividade aumentou em média cerca de 20%. Contudo, registaram-se algumas áreas afetadas pelas últimas chuvas, ocasionando a perda de grande parte da produção e da sua qualidade. De um modo geral, pode dizer-se que os cereais recolhidos antes das últimas chuvas de junho/julho registaram boa qualidade, contrariamente aos recolhidos posteriormente, em que a qualidade se deteriorou acentuadamente, devido sobretudo à germinação dos grãos.

Na **Grande Lisboa** o atraso nas ceifas, devido à precipitação ocorrida desde o início do ano, levou a uma diminuição da qualidade dos cereais praganosos de outono inverno, bem como à diminuição da produtividade esperada.

Na **Península de Setúbal**, conforme referido em relatórios anteriores, a área semeada de culturas cerealíferas é reduzida. Prevê-se que a produtividade seja superior relativamente à campanha anterior.



### **Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares de pomóideas, prunóideas, citrinos e olivais: estado vegetativo; produção quanto a aspetos de qualidade e quantidade**

**Vinha (vinho)** – No Oeste ao longo do mês mantiveram-se as condições favoráveis para o desenvolvimento vegetativo da cultura, tanto de temperatura como de água disponível no solo, atendendo à época do ano. Apesar de ainda se verificar alguma heterogeneidade na cultura no final do mês, esta tem vindo a esbater-se. A maior parte das vinhas estavam a entrar na fase pintor, com alguma diferença entre castas. Embora o ano tivesse todas as condições climatéricas adequadas para se esperar um acréscimo da qualidade final do produto, tem-se verificado uma perda de qualidade devido ao arrastamento da floração por um período superior ao esperado e às condições fitossanitárias determinadas pelo estado do tempo. Com o aumento das infeções por doenças criptogâmicas, em especial do míldio, baixou a estimativa da quantidade esperada, que inicialmente era semelhante ao ano anterior, sendo no final do mês estimada uma quebra de produção na ordem dos 20% a 25%. O desavinho também poderá contribuir para a quebra de produção, podendo, no entanto, vir a ocorrer o aumento dos bagos e o preenchimento do cacho, o que iria melhorar as expectativas de produção. Contudo, não é certo que tal venha a ocorrer porque os crescimentos na vinha têm sido reduzidos devido ao ano fresco. Os baixos preços pagos aos agricultores e os elevados custos dos fatores de produção, poderão desincentivar a realização dos necessários tratamentos fitossanitários e conduzir a uma maior quebra de produtividade. A previsão de início da vindima aponta para o final de agosto ou princípio de setembro, com dois a três dias de atraso relativamente ao ano anterior, sendo determinantes as condições climatéricas do próximo mês.



No Médio Tejo as vinhas encontravam-se na maior parte das castas ao longo do mês na fase pintor, com alguma heterogeneidade, verificando-se no final do mês um avanço no amadurecimento dos bagos. Nas castas mais precoces, em especial na Fernão Pires, deu-se o início da vindima na última semana de julho, cerca de duas semanas mais cedo quando comparado com o ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia as vinhas encontravam-se no estado fenológico M - maturação. Estima-se que a colheita deste ano não ultrapasse os valores do ano de 2023, apresentando eventualmente um ligeiro decréscimo.

Na Grande Lisboa o desenvolvimento das vinhas tem decorrido, de um modo geral, dentro da normalidade, com os cachos em fase pintor e início de maturação, sendo a casta Fernão Pires uma das mais adiantadas e a casta Castelão das mais atrasadas. As temperaturas elevadas e os dias com precipitação foram propícios ao agravamento de míldio, que levou ao surgimento de infeção denominada por rot brun, verificando-se manchas acastanhadas com formato de dedadas nos bagos de uva. Os dias encobertos aliados à humidade relativa foram propícios à incidência de oídio que, nas castas mais sensíveis, prejudica a quantidade e qualidade da uva. Estima-se uma produtividade menor que a do ano anterior em cerca de 15%. Prevê-se o início da colheita para o início de setembro, principalmente das castas para a produção de vinhos com menor teor de álcool.

Na Península de Setúbal no final do mês o desenvolvimento das vinhas encontrava-se normal para a época, sendo que no mês anterior tinha sido referido que estavam dez a quinze dias adiantadas. Relativamente ao estado fenológico, no final do mês as castas encontravam-se essencialmente entre a fase pintor e maturação, sendo que a casta mais precoce, a Fernão Pires, encontra-se já numa fase de maturação avançada e a casta Moscatel, mais atrasada, encontrava-se em início da maturação, prevendo-se que a colheita se inicie a partir de meados de agosto. Em termos fitossanitários continuaram a verificar-se ataques de cigarrinha verde, com estragos significativos que se irão refletir na produção. A incidência de míldio, com sintomatologia nas folhas e nos cachos das castas mais sensíveis e de black rot ou podridão negra também irão refletir-se em reduções na produção, que serão pontuais ou com maior incidência, dependendo dos casos. Também houve relatos de incidência de oídio. As temperaturas elevadas registadas no final do mês provocaram estragos por escaldão na maioria das castas (menor efeito na casta Fernão Pires) verificando-se como a mais afetada a casta Moscatel. Prevê-se que a produção seja idêntica ou um pouco inferior à campanha anterior, mas ainda é cedo para estimar. Também ainda é prematuro avaliar a qualidade. Mantém-se a perspetiva de que não irão ocorrer grandes problemas na receção das uvas nas adegas.

**Vinha (uva de mesa)** – No Oeste a cultura apresentava um bom desenvolvimento vegetativo e encontrava-se no estado fenológico de maturação. As castas mais precoces, como Cardinal e Sugaone, encontravam-se em colheita, e as restantes na fase pintor. Devido aos problemas fitossanitários, de míldio na folha e no bago (rot brun), estima-se uma produtividade inferior ao ano anterior em cerca de 25%. A qualidade também foi considerada inferior.

No Médio Tejo, em especial as castas Cardinal e Dona Maria, encontravam-se em bom estado vegetativo e com uma boa amostra de frutos, já tendo sido iniciada a colheita há duas semanas atrás, contudo, verifica-se ainda algum atraso na maturação de alguns bagos relativamente ao período igual do ano anterior. Em termos quantitativos, não foi ainda possível apresentar uma estimativa.



Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia durante o mês ocorreram infeções recorrentes de míldio que afetaram não só a folha como o bago. Os tratamentos efetuados limitaram a evolução da doença. Os cicadelídeos não evoluíram, tendo havido necessidade de efetuar tratamentos. A mosca da fruta (*Ceratitis capitata*) começou a manifestar-se. As situações identificadas terão repercussões negativas em termos qualitativos e quantitativos, estimando-se perdas de 20% a 30%, relativamente ao ano anterior.

Na Grande Lisboa o desenvolvimento das vinhas decorreu dentro do expectável para a época. No que concerne ao estado fenológico, a uva encontrava-se nas fases pintor e maturação, sendo que se deu já início à colheita das variedades mais precoces, como é o caso da Cardinal e da Sograone. No que respeita a aspetos fitossanitários, destacam-se as consequências do ataque de míldio referido anteriormente, com incidência nas folhas das videiras e nos próprios cachos e consequentes infeções no bago, sendo que este se apresentava com manchas acastanhadas e aspeto de dedadas, sintoma usualmente denominado de rot brun. Foram efetuados os devidos tratamentos com vista a mitigar a evolução da doença. Registaram-se alguns ataques de cicadelídeos e de mosca da fruta (*Ceratitis capitata*), para os quais foram adotados procedimentos limitantes destas pragas. Estima-se que na presente campanha a quantidade e a qualidade da uva sejam prejudicadas comparativamente ao ano anterior.

**Pomóideas** - No Oeste as culturas estão cerca de dez dias adiantadas devido às elevadas humidades atmosféricas causadas pelas neblinas. Nos pomares mais adiantados, no final do mês já tinham sido iniciadas colheitas nas variedades mais precoces, mas o início da campanha irá ocorrer de forma significativa entre os dias 5 e 18 de agosto, sendo um pouco mais tardio no Baixo Oeste. A falta de frio invernal, mais acentuado no Baixo Oeste, levou a uma floração escalonada, refletindo-se num menor número de frutos por árvore e numa grande heterogeneidade de calibres e maturação nos pomares, o que poderá trazer problemas ao nível da conservação. Em termos de qualidade, as maçãs apresentavam calibres pequenos, mas com bons padrões de coloração, brix e dureza. As peras apresentavam bons calibres na generalidade, mas com uma grande variabilidade por vezes na mesma árvore. Verificou-se uma maior frequência de fissuras nos frutos e algum rachamento, bastante carepa, dureza variável, esperando-se um brix significativo. A chuva no final do mês, embora ligeira, favoreceu os calibres dos frutos, podendo vir a influenciar a produção final. Com os problemas fitossanitários ocorridos nos pomares ao longo do mês, designadamente o fogo bacteriano e a estenfiliose, baixaram as estimativas de produtividade. Contudo, a chuva ocorrida no final do mês, embora fraca, espera-se que venha a ter um efeito favorável no desenvolvimento dos calibres. Devido a estes fatores, estimava-se, ao final do mês, uma produtividade média para as peras e as maçãs de cerca de mais 10% em toda a região Oeste, comparativamente ao ano anterior, com alguma variabilidade nas previsões das centrais fruteiras em função do estado sanitário dos pomares.

No Médio Tejo os pomares encontravam-se no final do mês com uma boa amostra de frutos, estimando-se produções com qualidade, tendo sido já iniciada a colheita de maçã. A colheita de pera está prevista para meados do próximo mês. Em termos quantitativos, mantém-se a estimativa de acréscimo de produção quando comparado com o ano anterior (10%).



Na Grande Lisboa os pomares encontravam-se com bom desenvolvimento vegetativo e em estado fenológico de frutos em amadurecimento, estando previsto o início da colheita para o princípio da segunda semana de agosto, estimando-se uma produtividade semelhante à do ano anterior, contrariamente ao aumento previsto no mês de junho. O tempo quente associado à humidade relativa elevada que se fez sentir, foi favorável ao desenvolvimento de doenças e pragas nas pomóideas em geral. Constatou-se uma grande evolução de mosca da fruta bem como o aumento das infeções provocadas por fogo bacteriano e por estenfiliose, com os inerentes efeitos nefastos que estas doenças provocam no fruto em termos qualitativos e quantitativos. Houve ainda incidência de psila nas pereiras, cujos frutos se apresentavam com uma coloração negra provocada pela fumagina. Outra praga que contribuiu para o surgimento de maçãs atrofiadas foi o pulgão lanífero, que levou a estragos na produção.

Na Península de Setúbal a colheita de maçãs iniciou-se no final do mês, com frutos de boa qualidade. Uma vez que os frutos se apresentavam com estados de maturação muito diversos, mesmo na própria árvore, considerando as florações muito escalonadas, também as colheitas se estão a efetuar muito faseadas. Relativamente à pera, prevê-se que a colheita se inicie na segunda ou terceira semana de agosto. De salientar as elevadas temperaturas que se fizeram sentir, em especial em meados e no final do mês, com consequências no crescimento dos frutos, mas também na possibilidade de diminuição da qualidade, em virtude de poder provocar a “assadura” do interior do fruto. Relativamente às produtividades, ainda é cedo para estimar.

**Prunóideas** – No Oeste as variedades mais precoces de ameixas e pêssegos já foram totalmente colhidas e as mais tardias encontravam-se em plena colheita. Os frutos das variedades mais tardias apresentavam uma boa qualidade de brix e de coloração, à semelhança do verificado nas variedades mais precoces. Comparativamente ao ano anterior, estima-se uma quebra de produtividade de cerca de 40% nas ameixas e de 30% nos pêssegos, relacionada com as condições climáticas que impactaram negativamente nas variedades mais precoces, designadamente a ocorrência de temperaturas baixas no final do mês de fevereiro e no mês de março que provocaram o abortamento floral. Nas variedades mais tardias estima-se uma produção idêntica ao ano passado.

No Médio Tejo no final do mês encontrava-se concluída a colheita dos pêssegos. Nesta fase registou-se uma menor produtividade relativamente ao ano anterior, estimando-se uma variação de 40%.

Na Península de Setúbal continua a colheita de ameixas que se irá prolongar, de acordo com as variedades, até à primeira semana de setembro. A produção é menor relativamente à campanha anterior, sendo a qualidade média.

**Citrinos** – No Médio Tejo os pomares de citrinos, especificamente no que respeita ao limão, no final do mês encontravam-se com frutos em crescimento e a iniciar uma nova fase de floração. As condições climáticas ocorridas, em especial as temperaturas altas, tiveram algum impacto na cultura, com muitos frutos escaldados, assim como algumas folhas. No entanto ainda é considerado cedo para avaliar os efeitos na produção, mantendo-se neste mês a estimativa em



termos quantitativos, de uma maior produção relativamente ao ano anterior e em termos qualitativos não é prevista uma boa qualidade da fruta.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia o estado vegetativo da cultura de citrinos é, em geral bom, tendo beneficiado das chuvas ocorridas entre o final de junho e o princípio de julho, complementadas com a rega habitual por microjet com administração de adubos. Durante o mês houve necessidade de realização de tratamento contra a cochonilha. Com as elevadas temperaturas ocorridas, surgiram evidências de clorose nas folhas de algumas árvores instaladas em terrenos mais arenosos. Como previsto, a produção será inferior ao ano anterior.

Na Grande Lisboa a cultura tem-se desenvolvido dentro dos parâmetros expectáveis para a época. Não obstante, as condições climáticas têm sido propícias a incidências de traça e de cochonilha no limoeiro.

Na Península de Setúbal no final mês a cultura manteve-se dentro da normalidade, sem alterações no desenvolvimento dos citrinos, encontrando-se em fase de crescimento do fruto.

**Olival** - No Médio Tejo a cultura encontrava-se com os frutos em crescimento e em endurecimento do caroço. Estima-se em termos quantitativos, uma produção superior relativamente ao ano anterior e em termos qualitativos ainda não existe uma previsão.

Na Lezíria do Tejo os frutos encontravam-se em crescimento, apresentando um bom desenvolvimento. É previsível que a época de colheita se antecipe em cerca de duas semanas para as variedades mais precoces (Galega e Arbequina). Em termos quantitativos, estima-se uma boa produção, superior à do ano anterior. Ainda é cedo para avaliar a qualidade. Verificou-se um acréscimo da população de mosca da azeitona nas últimas semanas, para a qual foram realizados tratamentos fitossanitários.

**Figueiras** - No Médio Tejo as temperaturas altas verificadas neste mês surtiram uma antecipação no amadurecimento dos frutos, encontrando-se a colheita dos figos lampos praticamente terminada. Em termos de qualidade, as chuvas ocorridas no final do mês provocaram danos nos figos, com frutos caídos e outros manchados e de sabor menos doce. Estima-se uma produção inferior quando comparada com um ano normal. Os figos vindimos encontravam-se em desenvolvimento mais adiantado do que num período normal.

**Nogueiras** – No Médio Tejo os pomares encontravam-se em bom estado vegetativo e com bom desenvolvimento do fruto (já formada a casca), prevendo-se neste período em termos quantitativos uma quebra de produção em cerca de 10% relativamente ao ano anterior.



## **Estado vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio nomeadamente Milho, Arroz, Grão-de-bico, Feijão, Tomate (para industria) e Girassol; disponibilidade de água para rega**

**Milho de regadio** - No Oeste as sementeiras tiveram início no princípio do mês de abril e prolongaram-se até ao mês de junho. As germinações foram boas, embora algumas sementeiras mais precoces não tenham germinado muito bem. Devido à precipitação ocorrida durante o mês de junho e à boa disponibilidade de água no solo, houve pouca necessidade de rega na fase inicial. As chuvas de junho e a humidade das neblinas foram positivas para a cultura. Em termos fitossanitários a situação é satisfatória sem identificação de problemas significativos. Houve desenvolvimento de infestantes, mas a situação foi controlada com aplicação de herbicidas. Comparativamente ao ano anterior, a cultura encontrava-se atrasada cerca de quinze dias. No final do mês e de acordo com as datas das sementeiras, havia plantas em estados fenológicos distintos. As searas instaladas mais cedo apresentavam plantas com a maçaroca já formada e a começar a secar, prevendo-se a colheita para o final de agosto ou início de setembro. As searas mais tardias, instaladas em maio, apresentavam plantas em floração com a bandeira saída, estimando-se a colheita em outubro. Prevê-se uma produtividade idêntica à do ano anterior. É prematura uma avaliação da qualidade.

No Médio Tejo as plantações de milho (grão) encontravam-se no geral em bom estado vegetativo e em diversos estádios fenológicos devido ao escalonamento das plantações, nas quais o estado mais avançado é o de enchimento de grão. Constatou-se neste mês, nas plantações mais atrasadas a necessidade de aumento dos consumos de água para rega, com a prática de regas diárias, ao passo que nas mais avançadas as necessidades de água são menores. Foram identificados alguns estragos causados pelos javalis.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a cultura apresentava um bom estado vegetativo e um bom desenvolvimento, estimando-se um ligeiro aumento de produtividade.

Na Grande Lisboa no final do mês as plantas encontravam-se com desenvolvimento vegetativo normal, em fase de florescimento e de grão leitoso, estando previsto o início da colheita para finais de setembro ou início de outubro. No entanto, ainda é prematuro estimar com muita certeza a produtividade da cultura. Nas áreas semeadas em meados de maio, mais tardias, as plantas encontravam-se em fase final de pendoamento/início de florescimento. A falta de luz solar devido aos muitos dias nublados influenciou negativamente o crescimento das plantas. As temperaturas elevadas e o vento que se fez sentir ao longo do mês provocaram uma maior evapotranspiração dos solos, impondo uma maior vigilância da rega. Relativamente aos aspetos fitossanitários, houve registo de situações pontuais de lagarta, mas ainda sem grandes consequências negativas. Em algumas áreas registaram-se ataques de cicadélideos que veicularam o vírus inibidor do crescimento da planta, resultando nalguns casos em nanismo ou enfezamento. Um outro desafio nesta cultura adveio da presença de javalis nos milheirais, considerados uma praga, que têm causado estragos irreversíveis sobretudo por espezinhamento das plantas.

Na Península de Setúbal no final do mês as plantas encontravam-se com desenvolvimento vegetativo normal, na generalidade em fase de floração ou pós floração, estando previsto o início





da colheita para o princípio de outubro, sendo que as temperaturas elevadas registadas neste mês podem ter influência negativa na floração e no desenvolvimento. Relativamente aos aspetos fitossanitários, foi referenciada a incidência de lagarta e a preocupação com a transmissão de vírus através de cicadélídeos, situação presente em campanhas anteriores, mas com maior incidência atualmente. Nestas condições verificam-se efeitos negativos no desenvolvimento das plantas, potenciando plantas ananicas e com consequências de quebra na produção. Também a incidência de javalis nas plantações de milho é referida como um problema, pela destruição que provocam na cultura.

**Arroz** – No Oeste as sementeiras decorreram normalmente e foram realizadas entre os últimos dias de abril e o final de maio. As germinações decorreram normalmente, idênticas ao ano anterior. Não foram identificados problemas com pragas e em termos de doenças foram identificados focos de cercosporiose e de helmintosporiose, bem como a presença de infestantes, encontrando-se as situações controladas. No final do mês as plantas apresentavam um bom estado vegetativo e estavam a entrar na fase de formação e enchimento da espiga. Os nevoeiros matinais poderão influenciar a floração e a formação da espiga negativamente, devido às condições de menor luminosidade e à elevada humidade relativa.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia o desenvolvimento da cultura apresentava-se normal, mas mais atrasado relativamente ao ano passado. Houve disponibilidade de água para a cultura.

Na Grande Lisboa no final do mês os arrozais semeados em abril já apresentavam plantas a começar a espigar, apesar de estarem dez a doze dias atrasadas em relação ao que seria expectável, devido à falta de incidência de luz solar sentida nos muitos dias nebulosos. As searas semeadas em maio e em junho decorreram dentro da normalidade, ostentando plantas em fim de afolhamento e, em algumas frações, já a encapar. No final do mês deram-se por concluídas as mondas e adubações. Registaram-se infestações preocupantes com milhãs (*Echinochloa*), cujo combate foi dificultado pelos dias muito encobertos que prejudicaram a eficácia dos herbicidas. Mais se verificou ataque de lagarta que, por falta de produtos certificados, se revela difícil de combater. O elevado teor de humidade devido à precipitação ocorrida desde as sementeiras promoveu, como referido em relatórios anteriores, o aparecimento de fungos no arroz tal como piriculária (*Pyricularia grisea*), cujos sintomas se revelam maioritariamente na espiga, nomeadamente o branqueamento total ou parcial na porção superior à lesão provocada pela penetração do fungo, que levam à esterilidade ou murchamento do grão. Foram, para os fungos, feitos os necessários tratamentos com vista a evitar que o problema se espalhe e gere perdas de produtividade. Prevê-se o início da colheita para meados de setembro. Relativamente à produtividade ainda é prematuro apontar uma previsão, pese embora se vislumbre que seja inferior em 5% relativamente ao ano anterior por este ter sido um ano muito bom para a cultura, pelo que da campanha em curso espera-se uma produção característica de um ano dito normal.

Na Península de Setúbal no final do mês as plantas encontravam-se em pré-floração, com desenvolvimento atrasado em cerca de três semanas relativamente à campanha anterior, estando a colheita prevista para outubro. Conforme já referido no relatório anterior, há a salientar a existência de muitas infestantes, principalmente na zona da Marateca/Águas de Moura. Em termos fitossanitários, de referir a incidência de lagarta e afídeos.



**Grão de Bico** – No Oeste a cultura ocupa uma área muito reduzida. No final do mês, devido à disponibilidade de água no solo, as plantas apresentavam um bom desenvolvimento da área foliar, encontrando-se robustas e com boa quantidade de vagens. É ainda prematuro estimar a qualidade e a produtividade esperada. As neblinas atrasaram as colheitas, que irão decorrer no mês de agosto.

No Médio Tejo a cultura de grão de bico (plantações de inverno – dezembro) encontrava-se no final do mês em início de colheita, estimando-se um aumento de produtividade relativamente ao ano anterior (30%). As plantações de abril/maio encontravam-se no final do mês em bom estado vegetativo, estando prevista a colheita para setembro.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a cultura encontrava-se na fase de colheita, com 80% das áreas colhidas.

**Feijão (seco)** – No Oeste a instalação da cultura decorreu entre meados de abril e o final de maio, tendo havido uma boa germinação e formação vegetativa das plantas com boa produção de vagens devido à disponibilidade de água no solo. No final do mês, nas primeiras áreas instaladas as plantas encontravam-se já com vagens a secar e nas instalações mais tardias, as plantas encontravam-se ainda com vagens verdes. Não foram relatadas doenças e pragas com efeito negativo no desenvolvimento da cultura, apenas a identificação de alguns focos de ferrugem nas plantas em fase de secagem de vagem devido às neblinas, mas nessa fase já sem interferência na produção. Prevê-se que as colheitas decorram no mês de agosto e algumas ainda em setembro. Estima-se uma produtividade idêntica à do ano passado.

No Médio Tejo as plantações da cultura de feijão (seco) encontravam-se em bom estado vegetativo, verificando-se no final do mês, nas variedades mais precoces já o início da debulha (apanha). Permanece a estimativa de manutenção de áreas plantadas relativamente ao ano anterior. Em termos quantitativos, estima-se nesta fase um ligeiro aumento de produtividade (3%) relativamente ao ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a maioria encontrava-se na fase inicial de floração.

**Tomate-indústria** – No Oeste nos últimos anos a cultura ocupa uma área muito reduzida, estimando-se para este ano uma área de apenas 79% em relação ao ano anterior. Na generalidade, no final do mês a cultura apresentava um bom estado fitossanitário. As plantas apresentavam bastantes frutos, mas com calibres pequenos. Comparativamente ao ano anterior pode-se considerar a existência de maior número de frutos por planta, mas mais pequenos, circunstâncias associadas às condições climáticas que foram favoráveis para a floração e vingamentos mas menos favoráveis ao crescimento dos frutos devido às amplitudes térmicas verificadas. A cultura está atrasada entre dez a quinze dias face ao ano anterior. O início da colheita está previsto para 10 de agosto. No ano passado a maior parte da indústria iniciou a receção de tomate em 17 de julho e este ano esse início está previsto para 5 de agosto. Poderá ocorrer uma concentração das colheitas a partir de 15 de agosto com aumento dos tempos de espera para as entregas na



indústria, podendo resultar em colheitas com os frutos em sobrematuração, com influência negativa na qualidade. É ainda cedo para estimar a produtividade. Mantém-se uma boa disponibilidade de água para rega.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, os campos primeiramente instalados já se encontravam na fase de maturação dos frutos, tendo sido iniciadas as colheitas no dia 29, embora em quantidades reduzidas, com um aumento gradual até 5 de agosto, período com plena capacidade de colheitas e entregas em todas as unidades industriais. Relativamente aos campos mais jovens, verificou-se uma ligeira antecipação do ciclo, devido sobretudo às temperaturas elevadas que poderão ter afetado negativamente a taxa de vingamento dos frutos, mas que ainda é cedo para confirmar o impacto. A nível de doenças e pragas, com as precipitações ocorridas, houve lugar a aumento de tratamentos fitossanitários inerentes ao surgimento persistente de míldio. Algumas áreas foram afetadas pela doença, influenciando a produtividade, que irá ser ligeiramente inferior ao ano transato. Surgiram algumas incidências de *Tuta absoluta* e mosca branca, mas em populações controláveis, sendo expectável um aumento da pressão de ataque depois de iniciadas as colheitas dos primeiros frutos.

Na Grande Lisboa no final do mês a cultura apresentava-se em diferentes estádios, com as plantações mais tardias (início de junho) ainda em fase de vingamento e outras (plantações de abril) já com frutos maduros, sendo esta a maior parte (80%), prevendo-se o início da colheita para o começo de agosto. No que concerne a problemas fitossanitários destacou-se o míldio que esteve controlado, sem grandes repercussões negativas. Também se registaram nalgumas áreas incidência de ácaros e de *Tuta absoluta*, para os quais foram efetuados os devidos tratamentos que asseguraram o controlo da situação que, por ora, ainda não é preocupante. O pico de calor que se fez sentir a 23 de julho afetou algumas zonas, provocando mesmo a queimadura das plantas. Prevê-se uma quebra de produtividade em cerca de 5%.

Na Península de Setúbal no final do mês as plantas apresentavam-se com bom desenvolvimento vegetativo, mas com heterogeneidade, considerando a existência de plantas ainda em vingamento de frutos (plantadas em meados de maio/início de junho) até plantas já com frutos maduros (plantadas no início de abril), sendo esta a maior percentagem de desenvolvimento. Em geral, e devido às condições climatéricas ocorridas ao longo desta campanha, as plantas encontravam-se com cerca de duas semanas de atraso no seu desenvolvimento, sendo que as elevadas temperaturas registadas no final do mês encurtaram este período. Em termos fitossanitários verificou-se a incidência de fungos (míldio), bactérias e ácaros e começou a verificar-se o aparecimento de *Tuta absoluta* em intensidade não muito preocupante. A colheita está prevista para o início de agosto (atraso de uma semana devido às plantações mais tardias em consequência das chuvas verificadas nesse período), prevendo-se que decorra até à primeira semana de outubro.

**Girassol** – No Oeste de acordo com os dados dos últimos anos, a cultura tem uma expressão muito reduzida (0,82ha no Alto Oeste e 66,66ha no Baixo Oeste - RA19). Foi contactado um produtor do Baixo Oeste com 55ha registados no RA19, o qual confirmou que já não faz girassol há dois anos. Poderá afigurar-se que a cultura deixou de ser praticada na região.

Na Grande Lisboa a cultura do girassol apresentava-se ainda muito atrasada no final do mês, com a semente em fase de maturação. Devido à baixa rentabilidade económica tem-se verificado, ao



longo dos anos, um decréscimo da área semeada de girassol para alimentação, situação que é inversamente proporcional à produção de girassol para semente, sendo esta comercializada a melhor preço para toda a União Europeia devido à sua elevada qualidade. Relativamente a problemas fitossanitários, não houve situações a salientar. Ao invés, a presença de javalis nas searas é já considerada uma praga preocupante, cuja destruição das plantas por espezhamento foi consideravelmente prejudicial.



## **Batata: estado vegetativo da cultura de regadio; andamento das colheitas da cultura de sequeiro; rendimento e qualidade de produtos**

**Batata de regadio** - No Oeste a cultura de batata de regadio (consumo) encontrava-se em desenvolvimento no final do mês, a maioria na fase de tuberação. Em alguns locais de sementeiras mais precoces encontravam-se a decorrer as colheitas. Houve algum atraso e faseamento na instalação da cultura devido ao excesso de chuva no final do inverno e início da primavera. As sementeiras realizadas mais tarde, entre o final de março e durante o mês de abril, foram menos afetadas pelo excesso de água no solo e pelas baixas temperaturas, prevendo-se a colheita durante a segunda metade do mês de agosto. Ocorreram focos de míldio devido à elevada humidade atmosférica e às temperaturas amenas, em alguns casos com ataques severos em sementeiras mais tardias, que exigiram a realização de tratamentos. É expectável que as ocorrências de míldio influenciem negativamente a qualidade e a produtividade da cultura. Comparativamente ao ano anterior, prevê-se uma produtividade média inferior em 30%, que poderá ainda evoluir em função do estado do tempo até à colheita. Estima-se uma qualidade dentro dos padrões normais para a região, em alguns casos com menores calibres do que no ano anterior.

No Médio Tejo a cultura de batata de regadio (indústria) encontrava-se com a colheita em andamento (50%) no final do mês, estimando-se nesta fase uma menor produtividade da cultura (20%) em comparação com igual período do ano anterior. Nas plantações já colhidas obtiveram-se produtividades na ordem de 20 t/hectare e com boa qualidade. Os motivos do menor rendimento da cultura são associados ao impacto negativo das condições climáticas ocorridas na fase de plantação pelas chuvas intensas e alagamento dos campos, que foram muito desfavoráveis. A qualidade é identificada como boa.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a maioria da batata de regadio encontrava-se em final de colheita, com qualidade dentro da média. Os maiores problemas surgiram devido às chuvas de março e às temperaturas elevadas no final do mês. Em termos fitossanitários, surgiu o escaravelho, para o qual foram feitos os devidos tratamentos.

Na Península de Setúbal a colheita da batata de regadio terminou em meados deste mês. Mantém-se o referido no relatório de junho: *“as elevadas precipitações, principalmente na última semana de março, provocaram aborto de tubérculos e infeções por ataques de míldio, levando à morte total ou parcial de plantas, o que explica o decréscimo da produtividade em cerca de 20%, apesar de a qualidade não ter sido muito afetada”*. De salientar que as primeiras colheitas foram de menor



qualidade e de produção mais baixa, sendo que nas últimas colheitas a qualidade e a produção foram melhores.

**Batata de sequeiro** – No Oeste com exceção do autoconsumo, as colheitas encontravam-se concluídas no final do mês. Comparativamente ao ano anterior estima-se uma produtividade média de 50% no Alto Oeste e de 40% no Baixo Oeste, muito variável entre produtores, e uma qualidade inferior na generalidade.

08 de agosto de 2024